



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS



ERIK MARTINS MARTINCUES

ESCRITOS

Parte 1

OURO PRETO

2019

Erik Martins Martincues

ESCRITOS

Parte 1

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas. Orientadora: Prof^ª. Dra. Raquel Castro de Souza.

OURO PRETO

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM ARTES
CENICAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Erik Martins Martincues

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas Bacharelado da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel.

Escritos - Parte 1

Aprovada em 23 de junho de 2023.

Membros da banca

Profa. Dra. Raquel Castro de Souza - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Ms. Ana Faria Hadad Vianna - Fundação Clóvis Salgado

Profa. Dra. Raquel Castro de Souza, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/06/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Castro de Souza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/07/2023, às 10:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0550728** e o código CRC **788E573B**.

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar possibilidades cênicas teatrais, com base no desenvolvimento e na construção narrativa a partir de vivências do próprio autor. Buscou-se no trabalho a exposição dos escritos elaborados, resultado de estudos acerca dos chamados teatro documentário, teatro autobiográfico, teatro narrativo, escrita autoficcional e a escrita cartográfica.

Palavras-chave: Teatro narrativo; Teatro autobiográfico; Cartografia; Autoficção; Memória; Performance literária.

ABSTRACT

The present work aims to investigate theatrical scenic possibilities, based on the development and narrative construction based on the author's own experiences. The work sought to expose the writings produced, the result of studies on the so-called documentary theater, autobiographical theater, narrative theater, autofictional writing and cartographic writing.

Keywords: Narrative theater; Autobiographical theater; Cartography; Narrative theater; Memory; Literary performance.

À olhos desavisados: **Antes, um aviso**

Surpreso, e talvez envergonhado é que receberia a notícia de que essas páginas obtiveram a atenção de meia dúzia de pares de olhos. Digo seis pares, pois ao menos cinco, sei, serão generosos – para não dizer obrigados – em ler essas páginas. Mas estes, os cinco, já estarão previamente avisados, e poderão pular esta página. Então é a você, que, para minha surpresa, agora lê, a quem dirijo algumas palavras de preocupação.

Primeiro pense, que integrará um minúsculo e seletivo grupo de pessoas, que dedicaram atenção as páginas que seguem. Importante.

Há em muito um compartilhamento de memórias – tentei escolher as mais relevantes –, não somente por mera nostalgia, mas na presunçosa tentativa de fazê-las ter alguma utilidade coletiva. Se não a memória em si, utilidade no ato de compartilhá-las. Se ao ler, e julgar que não obtive sucesso, por favor seja paciente, e continue, quem sabe a próxima narrativa chegue à uma opinião diferente. Saiba, que algumas memórias, assim que postas no papel não me pareceram tão interessantes, nelas, pus então, uma pitada de ficção. Quem sabe nestas, encontre alento.

Me propus à uma investigação. Mesmo sem saber o que procurava, encontrei algumas coisas. Em maior parte, novas perguntas. Respostas, foram bem poucas, quase nenhuma.

Do pouco que sabia sobre esse jogo investigativo no que me propus,

era que deveria carregar comigo e fazer participar um integrante: os anos, estes em que carreguei comigo uma carteirinha que me identifica como aluno do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto. Esta aventura se iniciou como um trabalho de conclusão de curso. Não estive só.

No jogo, há outros integrantes. Estarei na torcida para que possa identificá-los.

Outro fato importante: As regras. O próprio jogo foi quem as criou. A nós, coube atenção para descobri-las. E ao longo, pareceram-me ir mudando. Há regras, já sabe. Jogo muito solto não é jogo. Mas, foi grande a liberdade, que propiciou um formato não muito usual ao que foi escrito. Um risco, sim.

Além do exercício, de revisitar-me, dissecar-me, é este também a descoberta e início do desenvolvimento de um nova – para mim – forma de expressão, a narrativa.

Sinta-se avisado.

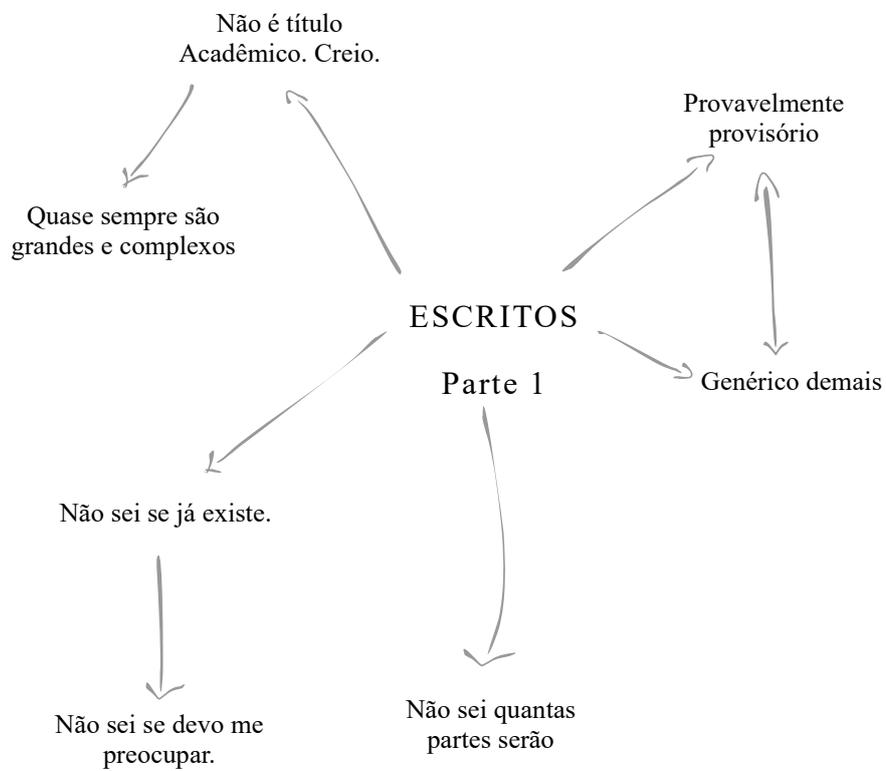
Por insistência de Ana, fiz uma capa.

Por hora, ainda me recuso a fazer uma contra-
capa.

E faço questão de algumas considerações:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

Erik Martins Martincues



Ouro Preto

2019

Primeiro encontro.

E se fizéssemos assim...

E se sua escrita fosse com essa liberdade?

Topa?

Aquilo, que pela **primeira hora**, chamarei de "Narrativa":

Hoje, se lhe fosse perguntado: "Como recebeu a notícia?". Ele responderia, com o mínimo de detalhes, calmo, direto, como quem relata um momento qualquer.

"Estava na janela, pensando em algo que não me lembro. Embora não me agradasse a altura do nono andar do Ed. Lorenzoni, boa parte do tempo em que estava no apartamento de minha mãe, passava-o na janela.

Das coisas que hoje sinto saudades, o vento de Vitória é o que primeiro me lembro. Que vento bom entra pelas janelas do centro da cidade. Em seguida, penso nos edifícios. Sinto falta de edifícios. Gostava de olhar para eles e imaginar o que faziam as pessoas que moravam nos apartamentos. O desenhista, do sétimo andar do Ed. Maria Loures, que trabalhava de madrugada sem camisa e tinha dificuldade de se aproximar de sua mesa de desenho devido ao tamanho de sua barriga – sempre pensei nele como cartunista, e alimento ainda certa esperança de um dia conseguir identificar o trabalho dele em alguma revista. No oitavo andar do mesmo edifício, sempre havia uma câmera filmadora montada em um tripé e direcionada para cama. Lembro de já ter me cansado de tentar achar um motivo – para além da produção de algo pornográfico – que justificasse a câmera estar sempre lá, direcionada para a cama do rapaz. Sim, era um rapaz bem magro, de um pouco mais de vinte anos, que sempre aparecia na janela para fumar, usando somente uma cueca bem cafona.

Sobre as poucas pessoas que eu vi irem as janelas de seus apartamentos: elas sempre, apenas, olhavam para baixo, para o que acontecia na rua. Parece um movimento automático das pessoas, que eu não faço, talvez devido a vertigem. Nem sempre fui assim, passei a ter pavor de altura após uma experiência ruim. Subi no escuro, em um andaime frouxo, mal montado encima de uma pedra, simplesmente para abrir os braços assim que os fogos começassem a estourar, inclusive estes estouravam a cerca de três metros da minha peruca preta, que vesti para que o povo que acompanhava o Auto visse a representação de Jesus ressuscitado. Fui o protagonista

em um Auto da Paixão de Cristo, mas só após o terceiro dia de sua morte, o restante, ou seja, tudo que vinha antes, cabia à um outro ator. Além do pavor das alturas, esta experiência pagou uma conta de luz, e me deu fama de esquentado perante parte da classe artística de Vitória. Pois, desci do andaime gritando enfurecido, com todos da produção que haviam me prometido alguma segurança.

Realmente, não consigo lembrar no que eu estava pensando. Mas lembro que ventava bastante naquele dia, e que eu não olhava para a janela de ninguém. Olhava para as gotas de água que caíam do ar-condicionado do apartamento de cima, e que rapidamente iam se dividindo em pequenas partículas com o vento forte. Sabia que evaporariam, e que jamais chegariam a aliviar um pouco o calor de quem pudesse estar passando lá embaixo. Mas também, nunca sabia se havia alguém passando.

Qual era a pergunta mesmo?”

Como faria a cena

Distribuiria um panfleto dizendo: "Grande acontecimento! Dia tal, horário tal, no lugar tal". Sem explicar que se trata de um espetáculo de teatro. Isso se for de fato espetáculo de teatro (será sim, creio). Divulgar algo misterioso é noticiar? Notícia: é essa mesmo a palavra?

Quem é o ator? O que é o ator? O que faz? O que come?

1. Noticiar, qual o significado? É possível dizer que ator é alguém que se coloca na posição de noticiar algo?
2. É ele, o próprio ator, a notícia? Basta derramar-se e será algo significativo? Não há nisso um excesso de ego?
3. O que é corpo político? Como é possível ver as narrativas de um corpo?

Glossário: Algumas palavras que uso, as vezes podem fugir do seu entendimento. Algo que pode parecer óbvio, mas o digo mesmo assim: toda palavra é preenchida pelo emissor, e novamente preenchida pelo receptor. Me arrisco a dizer que, a palavra do emissor e do receptor nunca estão cem por cento encontradas.

Glossário é para facilitar o entendimento de como irei preencher as palavras. Isso até mesmo para mim – ou talvez principalmente, não sei – pois pensando as palavras que vou colocar no glossário talvez possa não as deixar excessivamente herméticas. Não que eu sinta que faça isso, mas pode acontecer. Por isso, um glossário.

(...) A verdade é que a palavra, ela mesma, em si própria, não diz nada.

Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve.

Quando existe acordo existe comunicação (...)

Trecho de “Revelação”, poema de
Viviane Mosé

Aquilo, que pela **segunda hora**, chamarei de "Narrativa":

O Reflexo que a mim se apresenta enquanto na frente do espelho, parece-me não apenas representar minha imagem distorcida e invertida, mas também uma memória de alguém que já se foi.

Não herdei a altura, ele tinha quase dois metros, mas é inegável a presença dos traços que foram dele em meu corpo.

Há agora um movimento de aceitação de tais traços. Que à priori despertavam curiosidade acerca de suas origens. Curiosidade que transitou para o cansaço e desaguou na crença do mito criado em torno da figura. Com a ausência dessa figura, agora mito, as semelhanças passaram a despertar raiva.

Lembro que a primeira coisa que fiz ao vê-lo, quando retornou pela primeira vez, foi dar-lhe um soco na grande barriga. Lembro também que ninguém entendeu nada, e eu não quis explicar.

Agradeço a maturidade, essa que me vem em doses homeopáticas, por reverter a raiva nesse movimento de aceitação, pois assemelhar-se a ele é uma condição inevitável. Aliás, só me resta um espelho, e este dividido com muitos.

O curioso é perceber, outras semelhanças, que vão para além das físicas. Mais curioso ainda é o fato de eu me dedicar a estudá-las.

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.
Mário de Sá Carneiro*

Embora ache as palavras bonitas, acho que essa citação caiba pouco aqui. A palavra “tédio” é o que me parece fazer o trecho de “O Outro” ficar um tanto descolado do contexto, mas o deixo. Talvez por ainda estar em busca de um pouco de beleza no que vejo no espelho remanescente.

Como faria a cena

Talvez aqui, fale de referências. A principal, acredito, vá ser a própria persona que Sr. Bruno criou (Prof. Ornub). Buscá-la até mesmo para caso queira dela me distanciar.

A vontade talvez seja gritar: “Eu faria tudo diferente!”. Mas ainda não me arrisco.

Quem é o ator? O que é o ator? O que faz? O que come?

O ator busca ser alguém, que não ele mesmo?

E “o outro”, não poderia ser também aquele para quem o ator direciona sua arte?

Hermético: Durante um trabalho comentei com um colega, que havia lido uma crítica sobre um dos trabalhos anteriores de uma outra envolvida no mesmo trabalho que a gente. Na crítica, concluíam que o trabalho possuía uma língua um tanto hermética. No dia seguinte, a tal pessoa veio puxar assunto comigo, não entendia bem o que ela tentava me dizer. Para não parecer ignorante proferi uma meia dúzia de palavras desconexas, que aparentemente nada tinham a ver com o que ela havia me dito, ela então concluiu a conversa: “Então hermético é você”.

Bem mais tarde, refleti sobre as vasilhas herméticas. E conclui que comentei sobre a crítica com o colega errado.

O nome da minha recém nomeada companhia de teatro é “Assunto Suspenso”. Muitas vezes me pego pensando no que responderia caso fosse perguntado o porquê do nome. A explicação inteligente envolveria hermenêutica (da qual nada sei), dizendo que a ideia é descer para os reles mortais os assuntos que ficam suspensos. E falaria de Hermes, e tudo mais. Mas na verdade o motivo do nome, é bem mais simples, e até mesmo bobo. Mas a explicação inteligente não é descabida. Fique com ela.

Como faria a cena

Se for pra ser hermético, não ia querer fazer.

Após ler os primeiros escritos. **Ela** me disse:

“Você poderia ter sido um pouco mais generoso
comigo. E falado mais sobre o Prof. Or nub.
Ou não, não sei, você pode deixar a gente
querendo saber.”

Como faria a cena

Durante a intervenção de Sr. Bruno, havia sempre uma espécie de promessa de que o melhor ainda está por vir. Logo, ele conseguia com isso e outros artifícios não só manter, como aos poucos aumentar seu público. Não sei bem o que seria isso a ser prometido, se é que haverá isso, além claro, do “suspense” que uma possível estrutura dramática por si só poderá oferecer. O que é claro, por hora, é que não se pode colocar a comida toda no prato com uma colherada.

Quem é o ator? O que é o ator? O que faz? O que come?

O que é um ator misterioso?

O que ele oferece? O que ele esconde?

Ao menos na sala de ensaio ele pode se desvelar por inteiro?

Certa vez ouvi, (prefiro não dizer de quem):

“...ator bom é aquele que não entrega tudo, que se contém. Em seu olhar, sempre há mistério, nunca sabemos no que ele está pensando. Isso faz com que sintamos ele imprevisível.”.

Aquilo, que pela terceira hora, chamarei de "Narrativa":

Da janela, ouvi o telefone tocando. D. Nena.

– Filho, está tudo bem? – Falava com um tom anormalmente amoroso, além disso, enquanto eu morava em Vitória, ou seja, próximo dela, nunca me perguntava “está tudo bem?”.

– Sim. – Respondi, com todo o estranhamento que o comportamento dela pedia.

– Você está onde? – Me perguntou esquecendo que ela havia ligado para número residencial dela.

– Na sua casa.

– Escuta. Eu estou aqui no hospital, vim ver o seu pai. – Como ela pausou a fala, perguntei.

– E ele, como está?

– Filho, seu pai faleceu. Agora pouco. – Em seguida sem pausas começou a falar. – Ele descansou. Deus sabe o que faz. – E outras frases de consolo, as quais não me recordo. Por fim, ela perguntou novamente. – Está tudo bem?

- Sim.

- Eu vou ligar para o seu irmão. – Se despediu e desligou o telefone.

Sentei no sofá. Acendi um cigarro, e repeti umas três vezes em voz alta. – É, velho, se foi. – É, velho, se foi. – É, velho, se foi. – Me culpei por não ter ido visitá-lo naquela manhã. Em seguida lembrei do último encontro que tive com ele. Aí chorei por alguns minutos, sem soluços, só lágrimas caindo no chão de taco do apartamento de minha mãe.

Eu fumava *Derby Azul*. Eles acabam muito rápido. Percebi que já tinha fumado uns cinco cigarros, em aproximadamente dez minutos. E lembrei de quando, há poucos dias atrás, eu havia invadido a quitinete dele. O lugar estava tomado por um fedor insuportável de cigarro. O cinzeiro estava transbordando guimbas de *Hollywood Vermelho*, ao lado da cama onde ele se encontrava desacordado.

Prometi que iria parar de fumar, peguei o telefone e em dois minutos já tinha agendado o enterro dele no cemitério de Maruípe. Mais tarde, quando meu irmão acordou do desmaio, conseguiu um jazigo no Cemitério de Santo Antônio. Um jazigo emprestado, nunca imaginei que isso fosse algo que se emprestasse, mas enfim, era um jazigo da família da madrinha de batismo dele. Fiquei um pouco irritado, pois já havia marcado o enterro em outro cemitério. Minha raiva passou quando descobri que quase enterrei Sr. Bruno como indigente. As pessoas enterradas no Cemitério de Maruípe são enterradas como indigentes, ao menos foi o que disseram na época, nunca averigui.

Na gaveta do meu criado mudo, dentro de uma carteira antiga, guardo todos os documentos dele.

Como faria a cena

Existe um certo receio, de minha parte, de o espetáculo parecer sobre o pai do ator. Entende o que eu digo? Fico pensando em fazer a coisa toda parecer uma ficção, e dizer que foi tudo extraído de um texto medieval. Mas ao mesmo tempo fico pensando se isso não é um receio bobo, ou até mesmo, se não há em mim uma vontade de não ter tido pai. Isso me faz pensar no Cemitério de Maruípe.

Quem é o ator? O que é o ator? O que faz? O que come?

Memória emotiva é um autoflagelo?

O ator é uma cômoda que vive pensando em guardar coisas em suas gavetas?

Registra isso!

Aquilo, que pela **quarta hora**, chamarei de "Narrativa":

Bêbado não erra o caminho de casa

Retornei a vê-lo quando eu tinha, acredito, sete anos de idade. Sua estatura me espantava. Na época ele era vendedor de peças para máquinas de escrever elétricas, do tipo porta-em-porta. Mas duvido que entendesse mais do que o suficiente para vender as peças. Era exímio vendedor. Isso eu gostaria de ter herdado.

Em um almoço de domingo, foi a primeira vez que visitou o barraco no morro onde morávamos, D. Nena, meu irmão que também se chama Bruno, e eu. A visita é quem foi pra cozinha. Trouxe um liquidificador com aquela espécie de filtro que separa, ainda dentro do copo, os detritos do que é triturado. E naquele momento o que interessava era evitar que o bagaço do limão contaminasse sua famosa caipirinha. Preparou também uma moqueca, da qual eu tanto já tinha ouvido falar: “Seu pai, é quem sabe fazer uma boa moqueca”. Também não herdei o talento para cozinhar.

Não lembro do gosto da comida, e acredito não ter provado da caipirinha – mas não pense que meu jovem paladar nunca tivesse provado bebida alcoólica, conto essa história mais adiante. Mas lembro muito bem da queda. Aquele homem imenso, tropeçou nos degraus de pedra que davam para entrada da frente do barraco, fez uns três movimentos em zigue-zague proporcionais as pernas de um gigante, e rolou para o quintal do vizinho, mas não aterrissou sem antes cair de uma altura de quase três metros, que era a medida da trincheira que separava o nosso quintal do terreno do vizinho.

Todos se aproximaram para ver se ele estava bem, eu me aproximei para ver se estava vivo. O buraco onde ele caiu era pra mim um grande abismo e uma zona proibida. Estava vivo. De pernas para o ar, com o pescoço todo torto olhando para a gente, e rindo.

Perguntei, para minha mãe, algo como: - Ele caiu de cabeça, está rindo de quê?

A resposta foi curta: - Cachaça!

Ele se levantou, tinha apenas alguns arranhões. E nem sinal de constrangimento do que acabara de passar.

Na hora de ir embora, o acompanhamos até a saída do morro, mais porque ele era um estranho na comunidade do que por precisar de direções para achar seu caminho. Digo isso, pois ao ver ele todo cambaleando, e trocando palavras nas despedidas, perguntei à D. Nena:

- Ele não vai se perder?

Ela foi enfática, e com autoridade no assunto disse: - Bêbado não erra o caminho de casa. Ainda mais esse aí.

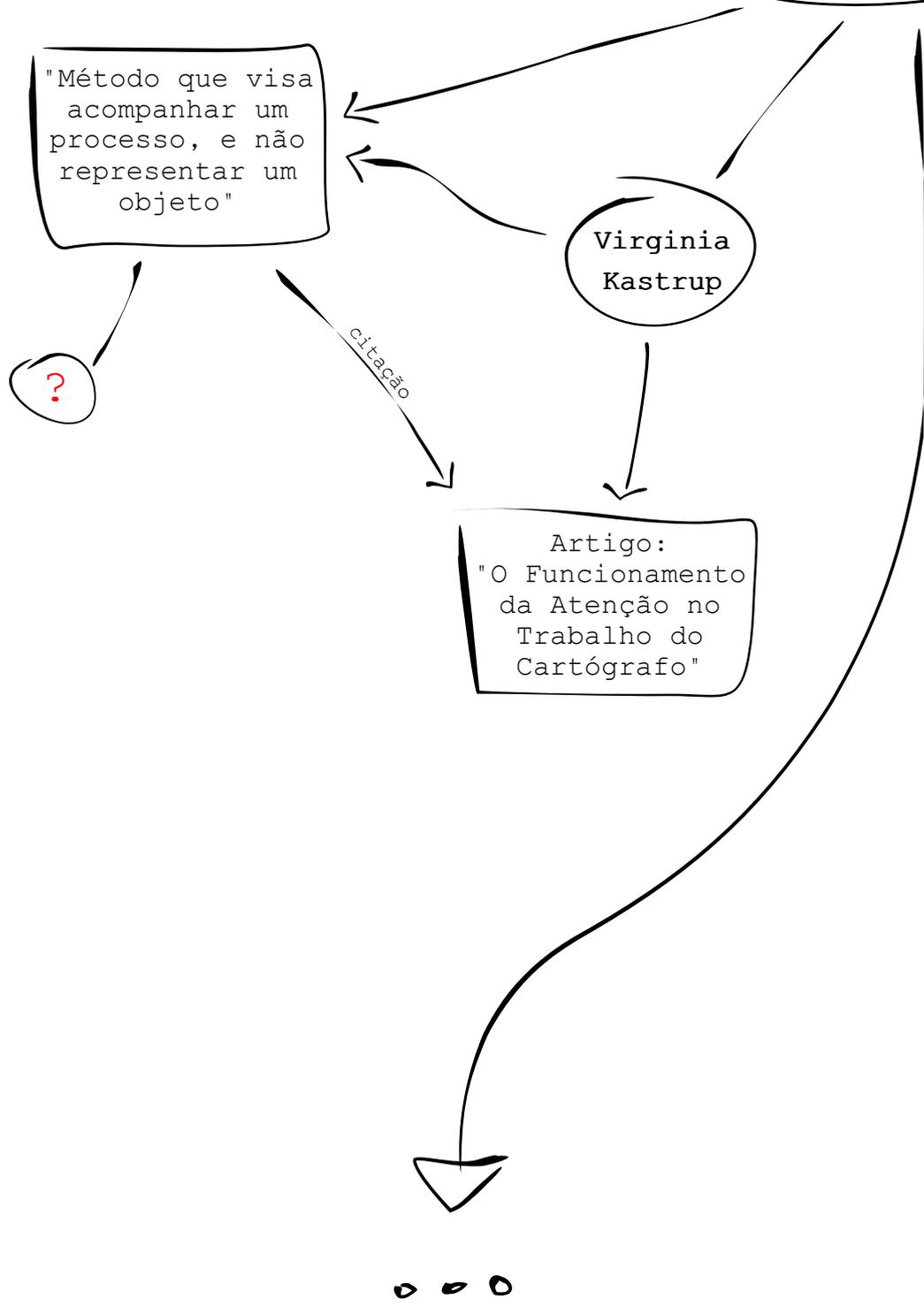
D. Nena proibia a mim e a meu irmão de nos aproximarmos do muro que dava acesso ao quintal do vizinho, pois de acordo com ela o vizinho não era “flor que se cheire” – há quem diga que foi ele, quem botou fogo no barraco, anos após termos mudado do morro.

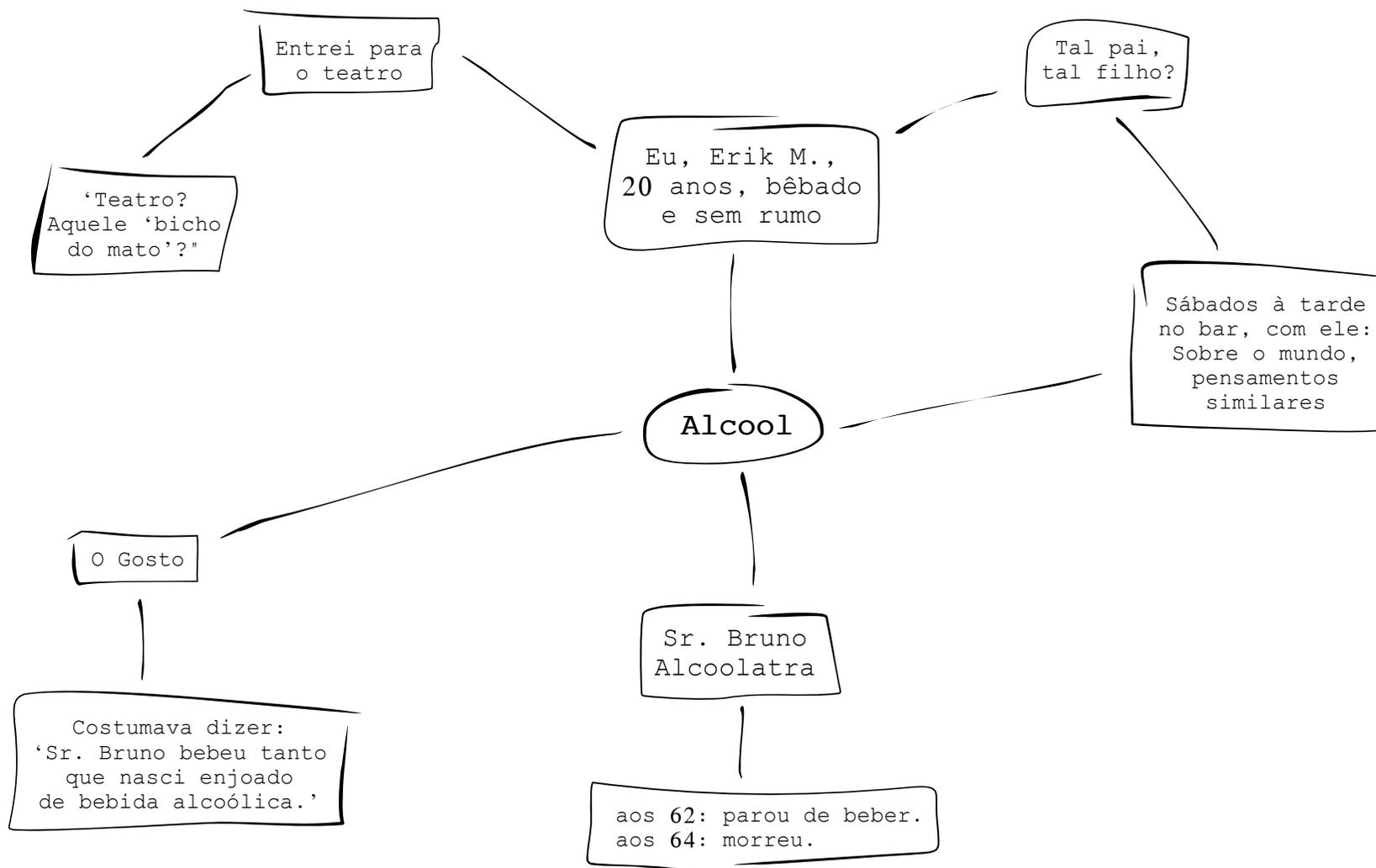
Quando entreguei os primeiros escritos havia uma página intitulada:

As páginas a seguir estão presas apenas pelo grampo.

Colocadas aqui, simplesmente para dar volume.

Nas páginas que deveriam apenas fazer volume, algumas cartografias.





Paper:

Escrito após ouvir o episódio “#031- Oswald de Andrade, com Ivan Maia de Mello”, do podcast “Filosofia Pop”.



Professor na UNILAB, Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, mestre em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e graduado em Matemática.

Fico pensando, o quanto “como” (do verbo comer) eu mesmo, para fazer os escritos, e ao mesmo tempo penso que posso na verdade estar “comendo” um outro, posto que tenho pensando e escrito sobre um eu do passado. Mas, se não sou, a soma de tudo que vivi e fui, o que sou? Se sim, logo, “comendo” esse eu do passado, “como” ao mesmo tempo o eu do agora, pois está em mim. E “comendo”, me torno – mesmo sem ter deixado de ser – novamente ele, mas numa outra potência, do que em mim já habita: como lembranças e como rastros do caminho que me trouxe até aqui. Esse “outro” é revivido, agora filtrado por todos os acontecimentos vividos, do estante em que ele aqui esteve até o momento em que ele é lembrado. Eu sou o outro, e o outro sou eu? E se somos uma carne, nela habita muitos!

Comer: também como absorver uma referência. Mas não para reproduzir. E sim para transformar em energia motora. Mas também é possível “comer” algo que não faça bem. Ou “comer” de modo inadequado. Nestes casos, pode a referência não mover, ou mover para um lugar inadequado.

Paper: creio ser onde poderei trazer um conteúdo onde provavelmente, possa o leitor, identificar em todo o material uma similaridade com um trabalho de conclusão de curso - talvez não cumpra muito bem esse acordo. Ainda, mesmo que o autor sinta que há para a escrita deles, os papers, a liberdade (e, se tal liberdade não se fizer presente, que estranho poderá ser, aqui, a inserção desses papers?! Não que não haja a liberdade para a estranheza), que me parece, abdicam aqueles que se debruçam sobre a escrita nos moldes mais acadêmicos tradicionais.

Fiquei de contar

De longe se via o carro, um fusca cor de gema de ovo, teto solar de vidro preto (sempre fechado). Um corria para avisar a mãe da chegada, o outro, contrariado interrompia a partida de futebol e ia para casa. Todos tinham que estar em casa. Porta aberta, entra Sr. J.. Familiarizado com o barraco – além de não ser a primeira visita dele, as moradoras anteriores eram duas tias dele, idosas, das quais ele herdou o barraco, depois vendeu para D. Nena.

Sempre trazia algo consigo. Naquele dia um coro de Jiboia e um chicote. Ambos, por anos ficaram pendurados atrás da porta principal do barraco. O coro, além de decoração, dizia ser para espantar mal olhado, o chicote D. Nena usava para nos assustar, em dias de rebeldia.

Um copo, pequeno de vidro grosso. Uma garrafa de pinga. Um revólver, calibre 38. D. Nena na cozinha. Um já do lado de Sr. J., curioso. O outro, distante observando.

- Alemão! – umas das raras ocasiões em que Sr. J. dirigiu a palavra ao garoto.

Se aproximou. Os três, um do lado do outro. Sr. J. preencheu o copo com pinga e disse:

- Alemão!

Enquanto um cuspiu fogo, os olhos do outro brilhavam ao segurar o revólver.

D. Nena, certa vez disse:

- Sr. J. tem um bichinho perto do ouvido que assopra nossos pensamentos para ele.

De longe via o fusca e me escondia.

Por um tempo, todos os dias no final da tarde, voavam na frente do barraco duas borboletas, grandes e bem coloridas. D. Nena dizia:

- Não meche com elas. São Dona Guiná e Dona Alzira. Elas só querem ver se o barraco ainda está de pé e se estamos cuidando bem dele.

No quintal:

Mamoeiro: raramente dava frutos, quando dava, nunca maduravam.

Pé de carambola: suco; estrelas com sal.

Bananeira: dela jamais vi uma banana.

Pedras.

Aquilo, que pela **quinta hora**, chamarei de "Narrativa":

Chão

O barraco tinha uma infinidade de frestas. Entre o chão de madeira e as pedras empilhadas sob as quais o barraco foi levantado, havia um espaço de mais ou menos uns vinte centímetros. Ou seja, o chão do barraco não tocava em terra firme, no caso não tocava em pedra firme. Somente as vigas de sustentação é que tinham contato com as pedras, pois nelas eram fincadas. Entre uma madeira corrida e outra que compunha o chão do barraco, haviam frestas, abertas o suficiente para passar dedos de adultos com facilidade – em algumas até minhas mãos de crianças.

Na faxina pesada éramos os três: meu irmão, minha mãe, e eu. Mas, manter a casa organizada e limpa no dia a dia era com meu irmão e eu. Agente tentava varrer o chão, e nunca conseguíamos tirar a poeira com a pá (na verdade estou puxando na memória e não consigo lembrar de termos uma pá). A poeira escorria pelas frestas do chão.

Não era raro escutarmos algum barulho vindo debaixo do barraco. Mentíamos o olho pelas frestas do chão para tentar identificar. Geralmente não dava para ver nada, era bem escuro. Houve uma vez em que eu estava procurando um filhotinho da Menina, demoramos por sentir falta dele. E como era bem comum os filhotes entrarem debaixo do barraco, foquei minha busca para achá-lo por lá (todos o procurávamos). Fui eu quem o encontrou, lembro de ter ficado muito feliz e aliviado. Eu segurava ele em minhas mãos, quando o virei para vê-lo de frente. Acho foi o primeiro, e se não foi, com certeza foi um dos primeiros encontros que tive com um cadáver. Ele tinha em sua pequena barriga, um grande buraco e já estava sendo comigo por vermes, fiquei tão assustado que o arremessei para longe, só quando ele caiu no chão é que percebi que ele já estava com o corpinho bem duro. Sonhei com isso por um longo tempo. Eu devia ter uns cinco anos, mas ainda tenho a imagem em minha memória. Minha relação com as frestas chão ainda existia, mas já havia mudado. E houveram outras mortes, lembro

da maioria, mas deixo para uma outra hora. Uma morte não cobre a outra, mas joga um pouquinho de terra.

De tanta poeira que caía pelas frestas, parecia só questão de tempo até a terra encostar nas madeiras corridas do chão do barraco.

Haviam duas frestas em que sempre caiam coisas, e era sempre eu o encarregado de pegar. Só as minhas mãos passavam pelas frestas. Isso me dava uma sensação de que eu podia alcançar qualquer coisa. Foi antes de eu ter medo de lacraia e aranha.

Tínhamos 10 cachorros, 3 gatos, 1 periquito.

Cachorros: Lesse, Menina, Pretinha, são os nomes que lembro.

Gatos: Glisso, Glissa, e uma bem peluda que fugiu para o vizinho, pois ele dava bife de boi para ela e com isso não podíamos concorrer.

Não lembro o nome do periquito, só lembro que um dia D. Nena ficou irritada e o soltou. Ele pousou em um fio elétrico que provavelmente estava em curto, morreu eletrocutado. – haviam muitos “gatos” no morro.

Aquilo, que pela **quinta hora e meia**, chamarei de "Narrativa":

Um rapaz, apressado, pois tinha poucos minutos para se trocar e já ir para o próximo compromisso, caminhava ouvindo uma música, aparentemente frenética, que conduzia o ritmo de seus passos. Aos poucos foi reduzindo sua velocidade, e parando de fazer movimentos com a cabeça que iam de encontro ao pulso da música. Algo havia despertado sua atenção.

Um menino, de aproximadamente onze anos, que estava cercado um cachorro de rua, e tentando se aproximar para ver algo com mais nitidez. Mas a cada passo que o menino dava em direção ao cachorro, este se afastava. O que não quer dizer que o cachorro estivesse fugindo dele, se quisesse fugir o faria sem problemas, além disso seu rabo não parava de abanar, e não era um abanar de raiva ou intensa alegria, era um abanar de rabo quase todo recolhido entre as patas traseiras.

O rapaz tirou os fones de ouvido, parou e tentou entender o que o garoto estava querendo. Percebeu que ele tentava se aproximar para ver melhor a pata esquerda dianteira do cachorro. A pata estava suspensa, e o cachorro, obviamente, mancando. O rapaz não demorou muito para ver o que havia chamado a atenção do menino. E no exato momento em que se deu conta do que se tratava: contraiu os músculos de sua testa; abanou a mão direita como se alguém tivesse lhe dado uma paulada; soltou um palavrão; deu uma volta completa em seu próprio eixo; soltou outro palavrão, agora com a voz embargada; e segurou uma lágrima que já se acumulara em um de seus olhos.

A pata esquerda dianteira do cachorro estava inchada, dando ela um tamanho quase cinco vezes maior que as demais patas. E logo acima da pata – o que chamaremos de tornozelo da pata esquerda dianteira do cachorro – uma ferida. Uma fenda, criada por um corte vertical e reto, de oito centímetros. Tão profundo e aberto, que dava para facilmente ver o fino osso do tornozelo da pata esquerda dianteira do cachorro.

Quando o rapaz conseguiu se controlar um pouco, voltou a olhar para o menino, que

já se encontrava um pouco distante. Após os dois se olharem por cerca de dez segundos, o rapaz perguntou: “O que a gente faz?”. O garoto, que queria ir embora e não conseguia, se aproximou do rapaz, e sem dizer uma palavra deixou claro que não tinha resposta para a pergunta. Os dois voltaram a olhar para o cachorro, que também os olhava.

Um homem desceu de um carro. Bateu a porta com força. Viu o menino e o rapaz parados olhando o cachorro. Caminhou em passos largos em direção ao cachorro. Assustou o cachorro. Parou e olhou a mesma ferida do mesmo tornozelo da mesma pata esquerda dianteira do mesmo cachorro. Olhou para o garoto e o rapaz. Sorriu. Disse apontando para o cachorro:

“Esse aí tá todo fodido!”.

Seguiu com seus passos largos. Assustou o cachorro novamente. Não olhou para trás.

O que é distanciamento?

O que é identificação?

O que é um espetáculo?

Como ter público:

Um menino olha um cachorro. Um rapaz olha um menino que olha um cachorro. Um rapaz e menino olham um cachorro. Um homem olha um rapaz e um menino que olham um cachorro. Um menino, um rapaz, e um homem olham um cachorro.

Isso não é teatro!

O rapaz disse ao garoto: “Vou ligar para o controle de zoonoses e ver o que eles podem fazer”. Então partiu, sem música frenética porém mais rápido do que antes, e o garoto permaneceu com o cachorro até o momento em que um carro apareceu para levar o cachorro.

Laterais

Por onde víamos o mundo, aquele que ficava fora do barraco: o primeiro um real; as pessoas chegando, qualquer pessoa; a polícia subindo e descendo as escadas.

Durante as madrugadas qualquer barulho estranho, D. Nena se levantava e verificava. Nosso quintal não tinha cerca, e servia de passagem, corta-caminho de uma escadaria para uma outra rua.

Briga de traficantes. Correria passando pelo nosso quintal.

O “doido” que invadiu nosso quintal e deu boa noite. Mendigo, por opção, diziam. A família, rica, sempre o procurava, mas ele preferia as ruas. Raspava a cabeça, fedia, e morava na caixa d'agua, não na nossa.

Pelas laterais vi Alex chegando e gritando, “Baiana” – apelido que D. Nena recebeu no morro, não souberam identificar o sotaque pernambucano. “Cheirado”, dizia D. Nena e já ia pegar o sal para pôr debaixo da língua dele.

Alex cortava caminho pelo nosso quintal.

Pela fresta da parede dos fundos do barraco, vi e ouvi D. Nena ser convidada para o funeral de Alex. Caixão aberto, mas deveria ter sido fechado. Primeiro funeral em que estive presente, depois deste só fui em mais um.

Certa vez, a pressão de Ana caiu. Dei sal. Ela desmaiou. O médico disse que eu deveria ter dado açúcar. Hipoglicemia.

Superiores

O telhado era de amianto, muito quente quando sol, e era quase sempre sol. Não tinha furos que pudessem gerar goteiras quando chuva, mesmo sendo bem comum sermos assustados pelo som de pedras atiradas contra ele. As vezes atiradas por outras crianças brincando, as vezes por crianças ainda não satisfeitas com o desfecho de uma briga comigo ou com o meu irmão – brigar era uma atividade quase diária – ou por alguém que não nutrisse simpatia por minha mãe, essas últimas nos deixavam mais temerosos: “O diabo quando não vem, manda o secretário” dizia D. Nena. Nos preparávamos para alguma confusão, que a maior parte das vezes eu não tomava conhecimento.

Em um verão, não me recordo se de 94 ou 95, mas foi o de um desses dois anos, choveu granizo. Nunca tinha visto algo parecido. Por sorte já havíamos desmontando a barraca e nos dirigíamos para casa. D. Nena, avisada, ao avistar uma pedra de gelo atingir um carro pegou a mim e a meu irmão pelos braços e corremos em busca de um abrigo. Uma marquise de metal. Um barulho infernal, por cerca de trinta minutos. Na primeira chance de deixar nosso abrigo, corremos, eu sem entender a pressa, meu irmão fiel escudeiro só seguindo. Como minha falta de ímpeto impedia um maior ritmo às passadas: – Anda, porra! O barraco. – disse D. Nena, me puxando pelo braço.

Colhendo folhas de cidreira para o chá, avistei algo brilhando, quase escondido no mato. Uma pedra de gelo. Dois meses e ainda não havia derretido por completo. Pedra grande. O telhado não é de vidro.

A nossa caixa d'água - e a de todos os moradores do morro -
também era de amianto.

Fibra cancerígena.

1994

Flamenguista:

Por que todos ao meu redor eram. Como diria D. Nena? Maria vai com as outras.

Queria ser o Romário:

Negro e baixinho. Tinha medo de herdar a altura de Sr. Bruno.

Morte de Ayrton Senna:

Detestava Fórmula 1. Nem sabia quem era Senna. Chorei muito. Era tão triste na TV.

Copa do Mundo:

Casa cheia com os jovens doidos do morro. Ruas pintadas.

Plano Real:

O primeiro R\$ 1,00 que vi, foi uma doação de um dos jovens doidos do morro. R\$ 1,00 igual a 10 pães.

1995

Santista:

Descobri que eu só era flamenguista porque todos que eu conhecia eram. Mudei. Escolhi um dos times que estavam na final do Campeonato Brasileiro. Perdeu.

Futsal no SESC:

Mensalidade R\$ 10,00. Muleque do morro no meio dos “playboys”. Tênis maior que o pé, inapropriado para jogar, e ainda assim um grande talento.

Dynavision:

Presente de um dos jovens doidos do morro. Não havia cartucho para jogar. D. Nena fez ficha na locadora. Um grande sofrimento quando íamos devolver os jogos. 'Mortal Kombat' não devolvemos. Sujamos o nome de D. Nena na locadora.

TV:

Caiu. Quebrou. Justo no especial de fim de ano dos Trapalhões. D. Nena se endividou e comprou outra. Crediário no nome da vizinha.

Quando as vendas não iam bem:

Ensopado de mamão verde. → Amargo.

Salada de carambola. Com sal. → Depois de um tempo enjoo.

Raiva da bananeira.

Sopa de pedra só funciona no filme dos Trapalhões.

Milho que se dá para as galinhas não vira pipoca. → do vizinho

Sobras de açougue (pelanca) cozidos com fubá para os cachorros.

Nunca passamos fome.

balde grande de alumínio
fogueira de duas lajotas

- Ana, como você descreveria uma 'piranha' de cabelo?

- Uma coisa cheia de dentes que parece uma planta carnívora.

- Como você descreveria uma planta carnívora?

- Algo cheio de dentes que abre e fecha.

- Já viu uma?

- Nos desenhos animados.

Aquilo, que pela **sexta hora**, chamarei de "Narrativa":

Na barraca de D. Nena haviam coisas coloridas. Brincos, colares, cintos, e diversos tipos de prendedores de cabelo, dos quais destaco dois. As “piranhas”, essas costumavam me deixar confuso, isso devido ao nome, que era bem comum ouvir em outro contexto. Depois de um tempo acostumei que se ouvisse a palavra piranha próximo da barraca, estavam falando do prendedor de cabelo, e se falassem a palavra piranha longe da barraca o significado era um outro, que embora muito novo já entendia, ou achava que entendia.

Só mais tarde é que descobri que também existiam os peixes vorazes e dentudos. Demorou mais um tempo para me dar conta que as coisas eram chamadas de piranha devido ao peixe. O nome daquilo que dá medo, vira xingamento?

As “xuxinhas”. As vendíamos em conjunto, em geral numa quantidade de seis ou doze, dentro de um saquinho plástico. Quando as vendas não iam bem, se amontoavam saquinhos de “xuxinhas” nas barracas, o plástico ia perdendo a transparência, se tornando algo mais fosco e dificultando a visualização das do que havia dentro do plástico. Não se sabia onde terminava uma “xuxinha” e começava a outra. Parecia um “chup-chup” diversos sabores. No verão, era raro um dia em que não tínhamos que repor os saquinhos na barraca.

- Ana, como você descreveria uma “xuxinha”?
- Elásticos que usamos para prender o cabelo. Parecem umas rosquinhas coloridas.

Alguns momentos até tínhamos quem ajudasse a cuidar da barraca, mas na maior parte do tempo quem dava conta do recado era mesmo D. Nena e seus dois ajudantes. Mas um de seus ajudantes, ambicioso, queria seu próprio empreendimento.

Não me recordo de onde surgiu o capital inicial. Um real. Comprei dois quadros (20x30cm) da foto oficial da seleção brasileira campeã da copa do mundo de 1994 que sobraram e estavam em promoção na distribuidora. Vendi muito rápido. Lucro de cem por cento. Mais quatro quadros. Logo vendidos também. Em um dia foram seis quadros vendidos: negócio promissor. Ia encher meu cofrinho de latinha de refrigerante e comprar um chinelo Kenner.

No dia seguinte um loirinho magricela, chinelo duas vezes maior que o pé, bermuda e camisa regata rasgadas, segurando mais quadros do que seus braços curtos suportavam (mercadoria na mão o “rapa” não pode pegar), gritava no centro de Vitória:

“Em pé: Taffarel, Jorginho, Aldair, Mauro Silva, Márcio Santos e Branco. Agachados: Mazinho, Romário, Dunga, Bebeto e Zinho.”

Rapa: Assim são chamados os fiscais da prefeitura responsáveis por ficar de olho nos camelôs e tomar providências quando havia alguém que montasse barracas sem autorização para a venda.

A distribuidora recebeu uma remessa de chinelos Tenner.

Quando D. Nena ia trocar dinheiro.

A brincadeira era, segundos antes do sinal liberar os carros, correr até o meio da avenida, tocar o chão e retornar.

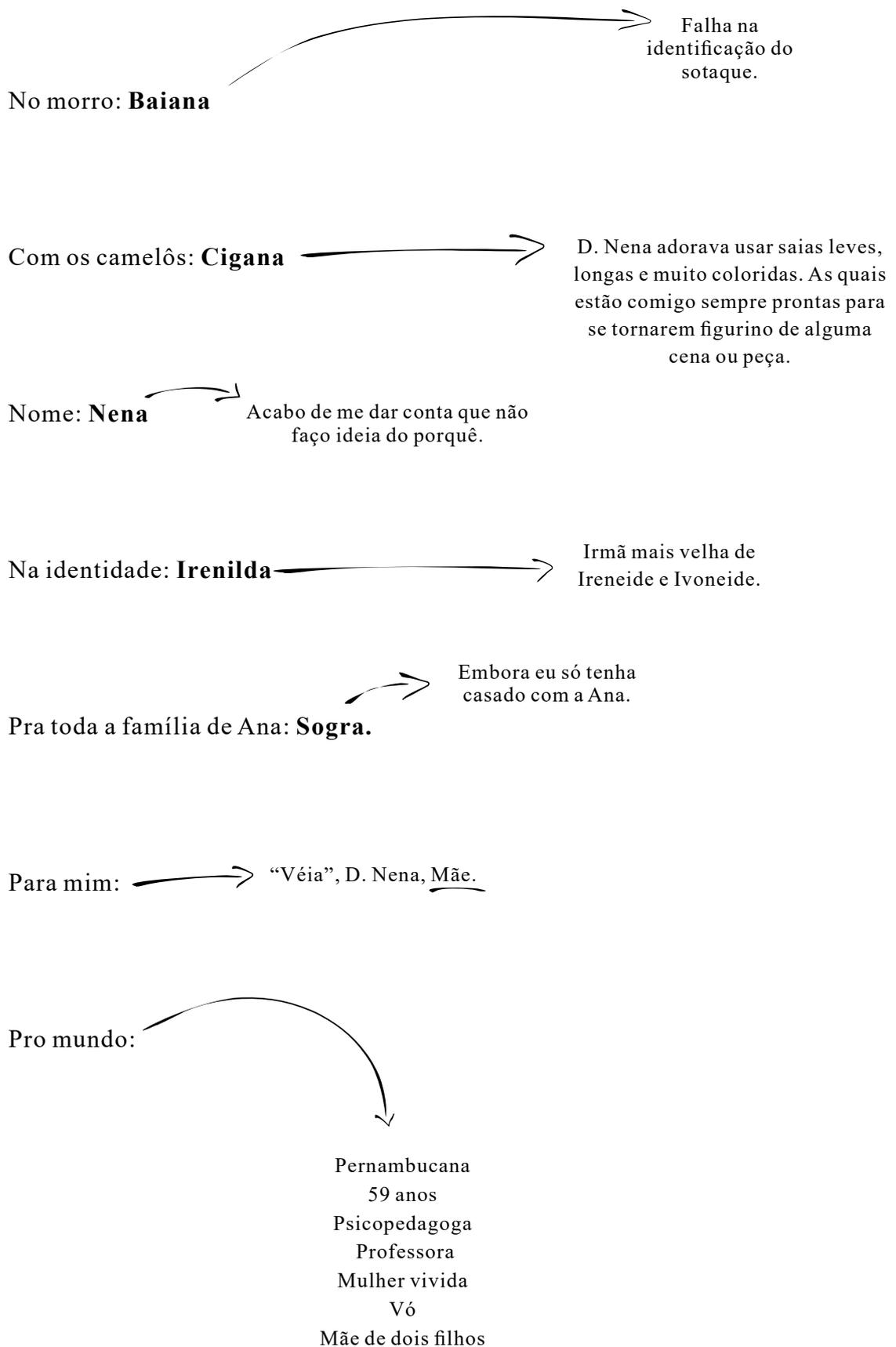
Corri. Sem esbarrar em ninguém, pulei da calçada, feito atleta de salto em distância, e pousei no asfalto. Buzinas, todas torcendo por mim. Vai! Vai! Vai! Fui, corri. Cheguei no centro da avenida, toquei no chão, fiz um charme, um pequeno deboche como o atacante que está com a bola dominada em cima da linha do gol. Era só retornar, tarefa fácil. Algo me deteve.

Meu chinelo não desgrudava do asfalto. Ficou para trás.

Chão pelando. 41° no marcador que ficava em frente à barraca. Retornei.

- Porque está descalço? – perguntou D. Nena.

- Meu chinelo derreteu, apontei para a avenida, e D. Nena já inflamada, olhou meu Tenner esmagado. Uma lombada inútil.



Não quis ir ao encontro com as mãos abanando então levei alguns ganchos.

Ela leu e disse:

- O melhor material que entregou até agora.

Ganchos: Quando não posso parar desenvolver a escrita, sento e registro da ideia da maneira que for possível. Um lembrete. Quase sempre cheios de erros de digitação, pontuação, etc..

A principal função dos ganchos é fazer com que eu retome a linha de raciocínio. Muitas vezes não funcionam. Ou muitas percebo que talvez não valiam serem desenvolvidos.

Pelas frestas

Descrição do barraco. O barraco tinha uma infinidade de frestas. Suspenso... frestas no chão (a gente arrumava a casa, mas nunca conseguimos tirar a poeira com a pá. A poeira escorria pelas frestas do chão, nem tenho certeza se tínhamos uma pá). Frestas nas paredes laterais, por onde víamos o mundo de fora do barraco: o primeiro um real. As pessoas chegando, qualquer pessoa. A polícia subindo e descendo as escadas.

Também haviam frestas nas paredes internas, vi coisas que acho que minha mão não gostaria que tivesse visto. O som também passava, e chamava a visão

De madrugada qualquer barulho estranho, minha mãe verificava pelas frestas, nosso quintal não era fechado (sem cerca), e servia de passagem, era um corta-caminho de uma escadaria para uma outra rua:

Briga de traficantes. Pessoas correndo e passando pelo nosso quintal.

O “doido” que invadiu nosso quintal e deu boa noite. Era um mendigo, e por “opção”.

Raspava a cabeça, fedia, e morava na caixa d’água. Família rica que tentava buscá-lo, mas ele sempre fugia.

Minha mãe acumuladora, acumulava pessoas, talvez para fechar as frestas. Quando uma pessoa morria, abria-se uma fresta. Essas pessoas ela conheceu na escola, ela voltou a estudar com 32 anos na quinta-série.

Por uma fresta eu via Jorge (fusca amarelo, teto solar) entrar, o homem que me deu cachaça aos cinco anos de idade, e me deixou segurar o revólver dele.

Pelas frestas eu ouvia Alex chamando: “baiana” (apelido de minha mão no morro), e ele vinha cambaleando e subindo pelas escadas de pedra do quintal. D. Nena já ia pegar o sal (cocaína, queda de pressão). Alex teve uma convulsão na sala, ‘segura a língua dele para ele não morder’ (Alex era epilético? Acho que sim).

Frestas do chão

A falta de pá, talvez venha para cá.

A aranha caranguejeira na testa de Bruno (meu irmão), enquanto ele dormia. Dormíamos os três, minha mãe, Bruno e eu, na mesma cama de casal.

Tivemos, por um curto período, um cágado (uma espécie de tartaruga. Por que tínhamos isso: não sei). O cágado que fugiu para debaixo do barraco. Anos tentando acha-lo pelas frestas do chão. Sempre imaginei que quando o barraco foi incendiado, anos depois, alguém achou o casco dele todo chamuscado.

O filhote de cachorro morto. Vermes na barriga. Anos de pesadelo. Imagem ainda presente na minha memória.

Frestas laterais

Isso não entra aqui, e sim antes.

O policial que ensinou a atirar facas. Colocávamos um papelão encostada em uma das paredes da sala e atirávamos facas nele. As vezes, a faca atravessava o papelão, e quando isso acontecia e ela não encontrava uma madeira atrás, sua lâmina adentrava uma fresta: o furo era maior; o papelão machucava mais; era mais difícil retirar a faca e voltar a atirá-la. Mas por que, depois da primeira vez tentávamos sempre mirar a faca nos locais das frestas?

Minha mãe conseguiu deixar o morro. Acho que só muito tarde é que fui ouvir algo como, “nem todo mundo quer deixar o morro”. Não lembro de alguém naquela época que pensasse assim, todos pareciam querer em algum momento deixar o morro, isso era os anos 90. Acho que essa resistência só veio mais um pouco mais tarde, ou talvez eu só tenha ouvido algo similar nos anos 2000. Um outro talvez: essa fosse apenas a visão de um garoto, que viveu a infância nos anos 90, que tinha certeza que antes de completar 20 anos estaria no maracanã marcando o gol que daria a vitória do campeonato para o Santos, mentira, embora já fosse santista (por opção), nessa certeza sempre o gol era pelo Flamengo.

Como eu faria a cena

Explicar com detalhes o que é a peninha, talvez botar uma foto. Pela fresta da peninha é que acontecia o “milagre”.

A ideia da peninha é olhar pela fresta. Desenho de fechadura. Sr. Bruno ensinava a olhar pela fresta? Ver além do que a usual atual permite?

como a opinião é tão facilmente controlada?

A gente tem que aprender a ver pelas frestas?

Ator

O que é fresta para um do ator? Quais são as pistas que o ator entrega para quem o vê?

Sr. Bruno era alcoólatra.



Sinto que poderia ter sido também. Acordava muito cedo para beber, isso quando eu podia acordar, ou seja, quando havia dormido (acho que sempre AUMENTO esse momento de minha vida) ou penso que foi menos importante do que foi.

(Em 2005 abri um whisky que estava sendo envelhecido a mais de 30 anos. Não deixei uma gota. Hoje, Clarence, o dono da garrafa, conta isso achando graça, mas na época não foi uma experiência boa para ele.)

Quais eram frestas do Sr. Bruno, o que ele viu? Tentava tapá-las com o álcool, e com a distância?

Também tenho frestas, a gente nunca percebe elas com muita clareza. Mas a gente sabe que tem. Ainda acho que todos temos, mas nem todo mundo pensa nelas, a maioria é obrigada a se deixar cobrir com um manto, que é composta de um monte de moralidades e opiniões já prontas e impostas.

Lembro que no meio da adolescência, eu não sabia por que gostava, não entendia as letras, mas ouvia bastante a banda Nirvana. Não foram poucos os episódios em que, sozinho em casa, botava o som bem alto e começava a gritar junto com Kurt Cobain, e de repente, um prato, ou um copo, ou uma garra que Clarence queria envelhecer para a posteridade, voava e se estilhaçava na parede. E em seguida, sem entender nada, eu caía em choro, com soluços. Depois varria tudo e escondia bem. Na época já tínhamos uma pá, e nossa casa já não era um barraco com frestas.

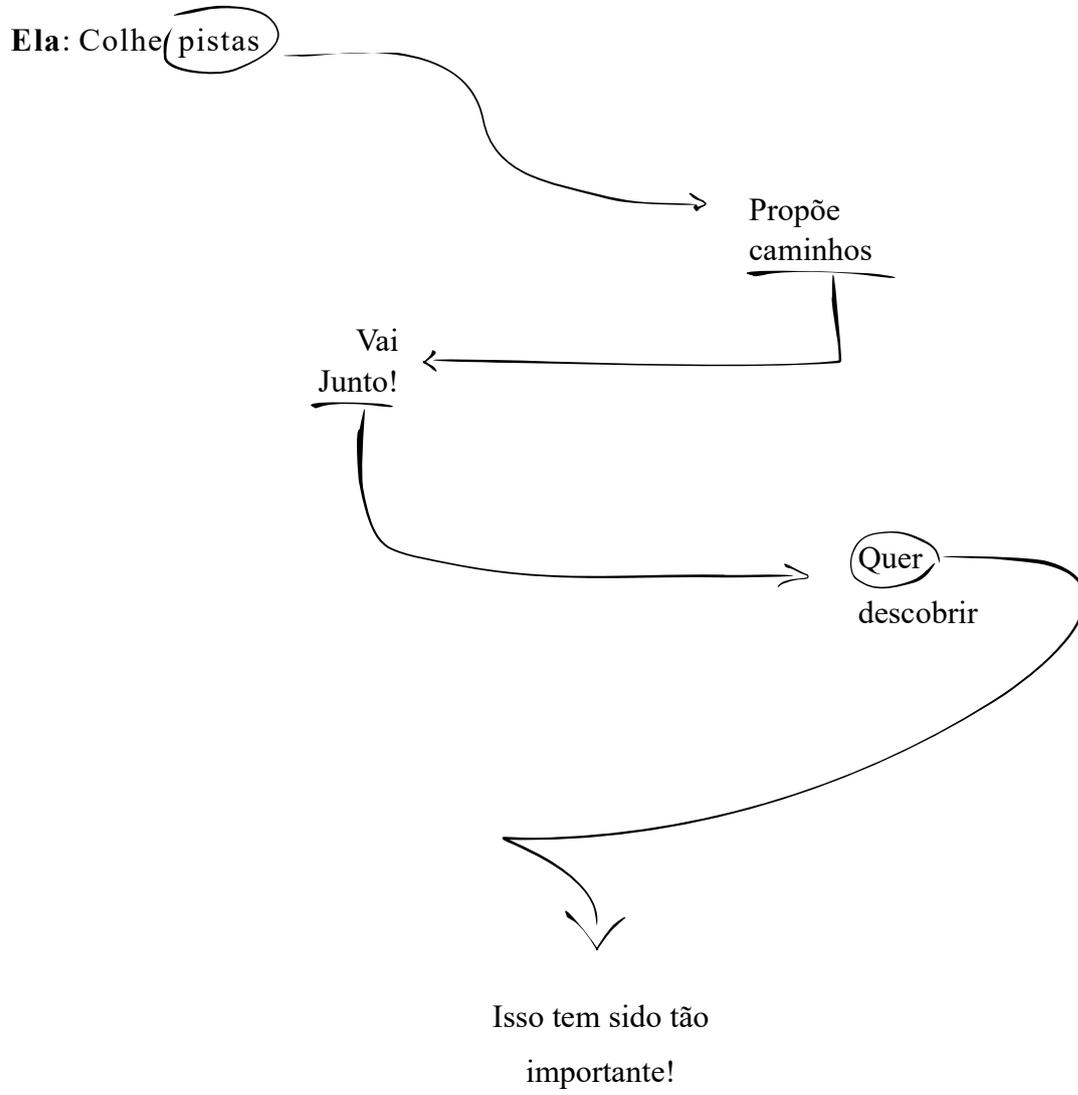
Semanas depois é que ao procurar algo na estante, minha mãe perguntava: “Cadê a garrafa de licor do Clarence que estava na última prateleira?”. Eu ainda não bebia, hoje penso nos desperdícios.

Mediocridade

Aquele garoto que tinha a certeza que seria jogador de futebol, também não queria ser qualquer jogador de futebol, e sim um grande astro. O melhor do mundo.

Dado algum momento de sua vida, descobriu tudo o que não queria ser quando crescer: medíocre.

Mediocridade é uma palavra que devo colocar no glossário.



Aquilo, que pela sétima hora, chamarei de "Narrativa":

Ele havia passado a noite sem dormir, sentara no computador para apenas afinar alguns detalhes de seu trabalho, e quando se deu conta já havia sol entrando por sua janela. Agora não podia mais dormir.

Como de costume, perdera o ônibus. Andou até onde pudesse pegar um carro lotação. Prática comum, e que sempre o irrita muito, pois significa que teria que andar metade do caminho. O que lhe parece um desperdício: primeiro de dinheiro, pois não pagará metade do valor da passagem, e dinheiro ele não tem muito; segundo de energia, pois já que vai gastar com transporte não faz sentido ter que andar tanto. Na ocasião não ter outra opção talvez tenha o irritado ainda mais: o próximo o ônibus significava atrasar; fazer todo o caminho a pé significava atrasar.

Desceu do carro lotação. Com olhos vermelhos e o corpo mole, olhou três vezes para cada lado. Quase foi atropelado. Menos mal que ao invés de uma ferida recebeu apenas um xingamento, com isso já está acostumado.

Imprimiu vinte páginas. Em suas mãos chegaram dez folhas.

Ele olhou para a moça do balcão, que mesmo sem dizer palavra perguntou se havia algo de errado, a moça também não precisou de som para expressar o tom agressivo de sua pergunta.

– Frente e verso – disse ele mostrando os papeis.

– O computador deveria estar configurado para imprimir deste modo – disse a boca da moça. – Isso é problema seu! – disseram os olhos da moça.

Murmurou um palavrão, lançou um olhar de ira para a moça, e foi com as seguintes coisas na cabeça:

1. Seu ódio por frente e verso;
2. Dez folhas é metade de vinte folhas, mas o preço é o mesmo;
3. A semente de abacate que plantou no dia anterior.

Andou à passos largos, já estava alguns minutos atrasado. Entrou no prédio e no

meio do corredor foi cumprimentar uma pessoa com a qual nunca pode deixar de falar.

- **Ela** está procurando você. Está na cozinha. Disse enquanto enxugava uma gota de suor que escorria na testa dele.

- Na cozinha? Estranhou. Os encontros eram sempre realizados em uma das salas.

Quando chegou a cozinha, **ela** estava sentada à mesa tomando um café, de costas para a porta. À sua frente, também sentado à mesa, um de seus colegas. O qual **ela** possui mais afinidade no departamento. O colega foi o primeiro a vê-lo, fazendo com que **ela** também notasse a presença sua presença, enquanto ele e **ela** se abraçavam o colega falou: “Você está tão magro”. Ele de imediato pensou em tudo que tem feito nos últimos dias, o que inclui a quantidade de vezes que perdeu o ônibus e o tempo cavando para plantar a semente de abacate. Depois o colega também disse que **ela** também havia emagrecido. E por fim, o colega disse, que somente ele não emagrece.

Os três sentaram a mesa por alguns instantes, ele tomou um café, pediu um isqueiro emprestado ao colega e pediu licença para se retirar e fumar um cigarro fora do prédio.

Se recuperou da caminhada, do quase atropelamento, sem sucesso tentou também se recuperar das impressões frente e verso. Fumou seu cigarro intrigado, levantando as diferenças deste encontro com os anteriores.

Retornou. Conversaram sobre morte: um relato de cada um. Tomaram mais um gole de café e se dirigiram à sala.

- Você vai precisar de mim por agora? Perguntou o colega ao se despedir.

Havia algo fora do habitual, ele constatou.

Encerrado o encontro daquele dia. Dali em diante, ele já não precisaria se preocupar em perder o ônibus. Não precisaria mais encarar a moça da copiadora. Não precisaria plantar mais uma semente de abacate.



P r o f e s s o r O n u r b

A M O R

T R A B A L H O

S A Ú D E

Orientação através do
b a r a l h o c i g a n o .

Terei prazer em atender a
todos que acreditam na
energia das cartas e do
d i r e c i o n a m e n t o .

(2 7) 3 1 1 5 - 6 2 6 4

Qual era o nome do programa de rádio que Sr.
Bruno apresentava junto com o Papa do Diabo?
08:25

Garoto... pra quê quer saber disso?
08:25

Fala logo, Véia!
08:26

Véia é a sua mãe!
Não lembro!
08:35

hum!
08:36

Não durou muito.
A cachaça não deixou!
23:42

Sr. Bruno
nunca contou sua história

Gancho

Em Ouro Preto não se percebe as nuvens chegando.